

## RECENSÕES

BOFF, Clodovis OSM – “**Sinais dos Tempos**”. Princípios de leitura, col. Fé e Realidade, nº 5 cm 14 x 21; p. 167. Ed. Loyola; São Paulo, 1979.

Os trabalhos de Cl. Boff têm-se caracterizado pelo rigor metodológico, pela concisão e força na expressão. Esse não faz exceção. Estamos diante de uma pesquisa relativamente curta, com os contornos bem limitados e levada a cabo com enorme acribia e exatidão. Leitura fácil, devido à clareza e a um esquema bem definido, exposto ordenadamente.

Além dessas qualidades de natureza mais metodológica e epistemológica, o trabalho merece nosso apreço pelo conteúdo. Inicia-se com um estudo bíblico da expressão “Sinais dos tempos”. Logo de início, o autor chama a atenção para o risco de ficar-se preso a um método semântico lexical, valorizando sobretudo a palavra, a frequência de sua incidência, a associação, o aspecto etimológico. Método que se restringe à descoberta dos sentidos literais, como se a cada palavra se equivalesse uma idéia. Adota pelo contrário um método semântico-sintático, procurando ver a palavra, como sede de sentido, dentro do contexto da frase e mais amplamente dentro do contexto cultural. E de fato, faz-se fiel a tal método, situando amplamente a expressão “Sinais dos tempos” no contexto mais definido das passagens em que aparece no Novo Testamento e no contexto mais largo do messianismo e da apocalíptica.

Extremamente interessantes são as considerações que Cl. Boff tece em torno a problemática levantada pelos textos estudados, tais como história profana no N.T., a protelação da parusia, a escatologia e política, o messianismo como constante histórica. Talvez coubesse aqui uma observação de detalhe. Na página 35, o autor sugere como linha de reinterpretação do Cristianismo, entendê-lo na linha da manifestação da salvação (Revelação) e não na linha de realização da mesma. Parece-me que se reduz demais ou pelo menos não se entende a relação manifestação e realização de modo dialético. Pois a manifestação é provocadora de realização e a realização pede interpretação manifestativa. E o Cristianismo em revelando-nos o projeto Salvífico do Pai em Jesus, está também

realizando pela força dinâmica da Palavra essa realidade. Fica de menos o aspecto da eficacidade sacramental da Palavra, do personalismo bíblico de Deus, etc. Outro ponto, seria na p. 36, uma rápida alusão às diferentes compreensões da História. Ao contrapor a história na concepção bíblica à moderna, talvez não indicou aquele ponto, que acredito ser o mais importante na diferença, a saber, a concepção do sujeito principal.

A História na visão bíblica tinha como protagonista principal a Deus. A obra do Êxodo é uma gesta de Javé. O homem moderno vê a história como levada pelo homem, sejam eles grandes reis, generais, líderes (leitura dominante), sejam eles as classes emergentes (leitura dos dominados).

O livro apresenta em seguida excelente análise histórico-textual da expressão "Sinai dos tempos" na *Gaudium et Spes*. Percorre os diferentes textos preparatórios até a redação final da Constituição pastoral, salpicando os capítulos com interessantes observações, comentários críticos, elucidicações teológicas. Num capítulo seguinte, detém-se mais no conteúdo de "Sinai dos tempos" na *Gaudium et Spes*. Bastante pertinente é a interpretação da tão louvada "abertura ao mundo" como algo ambíguo. De um lado, impunha-se deixar para trás uma Igreja de Idade Média ou Ancien Régime. Doutra parte, porém, entregou-se a um otimismo exagerado em relação ao "mundo moderno", que no Ocidente não é outro que essa Sociedade capitalista com todas as suas opressões, desumanidades. "Grande parte dos eclesiásticos chamados progressistas" ou "abertos", observa o autor, não passam de modernizadores e reformistas, isto é, de conservadores inteligentes, como o são todos os capitalistas esclarecidos". É uma afirmação que encerra bastante verdade, ainda que o problema da abertura ao mundo moderno não pode ser analisado unicamente sob o ponto de vista ideológico, como sendo algo exclusivamente de interesse das classes burguesas. Nem isso o autor quis afirmar, mas simplesmente alertar para uma ambigüidade latente no famoso "aggiornamento" da Igreja.

Num terceiro momento, o autor passa em revisão os principais trabalhos significativos escritos sobre a temática dos "Sinai dos tempos". Apresenta-os rapidamente e tece sobre eles suas observações críticas. Para uma apreciação mais exata dessa parte do livro, dever-se-ia conhecer os trabalhos em questão. Daqueles que tinha lido, tive a impressão de que a reprodução nuclear dos mesmos pelo autor é bastante fiel, ainda que extremamente sucinta. Entretanto, pareceu-me que suas críticas reduzem um pouco o valor do trabalho. Isso digo-o, pensando diretamente no artigo do P. Vaz.

A riqueza inspiradora e heurística de seu trabalho ficou um pouco minimizada pela redução crítica do autor, ainda que não desprovida de pertinência. Basta a ver que o autor chega a uma mesma conclusão, se não me engano, que o Pe. Vaz, da impertinência ou ambigüidade da expressão.

A conclusão fecha bem o trabalho. Retoma com concisão os pontos importantes. Chama a atenção para a omissão até então comum em meios eclesiásticos das mediações seculares de leitura da realidade. E em particular acena a questão do Marxismo. "Pode-se tentar eludir este problema mas ele acabará por se impor.

Há que dizê-lo com toda clareza... O Marxismo é a teoria atual que parece satisfazer do melhor modo hoje possível a esta exigência".

Naturalmente, sendo um tema que se toca de passagem, o autor deixa de lado toda a complexa problemática inerente ao marxismo dentro das próprias hostes marxistas, ou no mundo das Ciências do Social.

Enfim, estamos diante de um livro relativamente pequeno, mas muito interessante e desafiante. O leitor aprende, é provocado por um pensamento corajoso, rigoroso e claro.

J. B. Libanio

PIEPER, Josef – **El concepto del Pecado**, trad. do alem. de Raul Gabá Pallás; cm. 12,2 x 19,8; p. 120; ed. Herder, Barcelona, 1979.

O autor, docente de filosofia da Universidade de Münster e conferencista muito apreciado na Alemanha e no exterior, é conhecido universalmente por seus livros e artigos nos quais aborda os grandes problemas da existência e da cultura, numa perspectiva cristã. Nesse ensaio, intitulado no alemão "Über den Begriff der Sünde", fruto de longos anos de meditação, sobre o conceito do pecado no horizonte do pensamento filosófico, o autor procura recuperar esse conceito, em grande parte perdido na filosofia ocidental, embora corresponda a um dos dados mais profundos da experiência humana e a um ponto de referência fundamental de todas as grandes culturas.

Autores como Nicolai Hartman e especialmente Heidegger, para o qual "a indagação filosófica, em princípio, nada tem a ver

com o pecado" (Sein und Zeit, p. 306), concorreram decididamente para desterrar da filosofia esse conceito. Pieper, ao invés, apoiando-se fortemente na filosofia tomista, procura demonstrar como, numa visão global da realidade humana que envolve necessariamente seus fundamentos ontológicos, sua finalidade e suas relações transcendentais, o pecado é um ato que atenta contra a natureza, contra a razão e contra a própria finalidade do homem (cf. S. Tomás, Quaestiones Disputatae de Malo).

A argumentação do autor desenvolve-se em dois planos distintos: o fenomenológico, no qual o pecado se situa ao nível da experiência universal, e o ontológico, no qual se relaciona aos fundamentos do ser humano e de sua existência no quadro global de suas relações. Articulando sua reflexão nesses dois planos, recupera o conceito do pecado como dado filosófico; isto, ao menos, validamente para todos aqueles que não rejeitam a priori o horizonte ontológico da existência, base de toda a cultura ocidental. Sente-se no entanto, que o autor é guiado por uma luz ulterior à própria razão natural, ou seja, pela luz da fé. Essa, embora na reflexão não ocupe o primeiro plano, alimenta o plano das relações transcendentais em que o homem é situado, e de certo modo qualifica essas relações, tanto ontológica como eticamente.

O ensaio constitui-se em excelente subsídio, tanto para o filósofo, aberto à transcendência, como para o teólogo e todo cristão preocupado com os fundamentos racionais da sua fé.

L. Adami, S.J.

**TRILLING, Wolfgang** – “**Jesús Y los problemas de su historicidad**”; p. 222; cm 14,2 x 21,5; Editorial Herder; Barcelona; 1975.

Nesta obra, o grande exegeta católico Wolfgang Trilling apresenta o estado atual dos principais problemas relacionados com a historicidade dos fatos da vida de Jesus.

Na primeira parte, aborda os problemas fundamentais sobre esta historicidade. Inicia, se perguntando, por que não há nenhuma “Vida de Jesus”? Porque cada época constrói uma imagem de Jesus proporcional às suas características; Porque Jesus rompe todos os esquemas e normas de uma biografia e porque os relatos conservados acerca de Jesus não tem interesses historiográficos

mas querem dar um testemunho de fé de que Jesus é o Cristo. Em seguida, Trilling analisa longamente a tentativa de Stauffer e Bornkamm de escrever uma biografia, e a posição de Bultmann e Käsemann diante desta questão.

O que sabemos, então, com segurança sobre Jesus? Os fatos seguros, sob o aspecto histórico, são os seguintes: Jesus morreu numa Cruz, o fracasso externo da sua obra, sua origem de Nazaré e seu batismo no Jordão por João Batista. Quais são os testemunhos extra-cristãos acerca de Jesus? Trilling cita a Flávio Josefo, Tácito e o Talmud mas acrescenta que estes testemunhos são ambíguos.

Na segunda parte, apresenta alguns problemas particulares sobre a vida e a doutrina de Jesus. Inicia, colocando alguns problemas relativos à cronologia da vida de Jesus. Sobre ela só podemos oferecer conjeturas aproximativas, segundo Trilling. Nenhuma data da História de Jesus consta com segurança.

Quanto aos relatos da infância é importante ver o gênero literário destes trechos iniciais de Mt e Lc. Existem fatos históricos entremeados com profunda teologia característica dos Midrashim. Por exemplo, Mateus procura mostrar que Jesus é o novo Moisés. Por isso usa elementos do relato da infância de Moisés para estruturar o relato sobre a infância de Jesus.

Outra problemática abordada por Trilling é o posicionamento de Jesus diante da lei. Jesus era Judeu e a lei era um dos pilares principais do Judaísmo. Ele se posicionava dentro de uma linha de interpretação liberal da lei.

Quanto aos milagres, é historicamente seguro que Jesus os fez. A pregação dos apóstolos se fundamenta neles e o próprio Jesus o atesta em Lc 10,13-15 e paralelos. O sentido dos milagres era corroborar a mensagem de Jesus acerca do Reino e de seu próprio poder e majestade.

O que Jesus ensinou acerca do final dos tempos? A pregação escatológica se afasta da apocalíptica Judaica e tem características proféticas. Jesus apenas usou expressões e imagens apocalípticas. Quanto ao conteúdo desta pregação escatológica de Jesus, as opiniões divergem. Uns falam de uma "escatologia conseqüente" (Schweitzer e Weiss) e outros dizem que Jesus pregava uma "escatologia realizada" (Dodd).

Kümmel procura resolver o problema da justaposição da idéia de uma espera próxima do Reino e a idéia da presença, já agora, do esperado Reino.

Quanto à questão da última ceia, Trilling discute a discre-

pância entre os sinóticos e João com respeito à data da última ceia e com respeito aos dias que antecederam a paixão.

O processo movido contra Jesus é outro tema abordado por Trilling. É um dos fatos da vida de Jesus mais discutido porque vai ligado à pergunta pela responsabilidade da morte de Jesus. Alguns, como Dibelius, negam o valor histórico do processo pela circunstância de não haver testemunhas que pudessem informar sobre os fatos. No processo influem pontos de vista políticos de direito religioso, processual e penal. O único testemunho é o Novo Testamento e seu relato de que Jesus morreu uma morte salvífica, uma morte para a salvação dos outros. Para explicitar isso, os autores usam muitos textos do A.T. (Sl,22,39-69; Is 53). Querem mostrar que Jesus é o servo sofredor que padece uma morte vicária. Portanto, a intenção do relato é teológica e não historiográfica. Contudo é seguro que houve dois processos: um romano, dirigido por Pilatos e no qual influíram motivos políticos; e um religioso, levado pelo sinédrio por motivos religiosos. Trilling discute também, as razões da condenação de Jesus: a frase sobre a destruição do templo e a pretensão de ser o Messias.

Quanto à ressurreição, Trilling inicia dizendo que, por certo, ela não pertence à dilucidação da historicidade de Jesus. Temos apenas o testemunho dos apóstolos. Para muitos teólogos (protestantes), a ressurreição é um ato de Deus que só pode captar-se pela fé e que não temos capacidade para captá-lo historicamente. Para outros (católicos e mesmo protestantes como Von Camenhausen e Rengstorf), a questão do acontecimento real da ressurreição e de sua cognoscibilidade histórica é de importância fundamental e, por isso, insistem na necessidade de um exame histórico do problema da ressurreição de Jesus. Trilling, nesta perspectiva, discute a importância teológica e histórica das aparições e do sepulcro vazio e termina mostrando em que sentido é um mistério de fé.

Na terceira parte de sua obra, Trilling faz algumas reflexões finais sobre o mistério do "Jesus Histórico" e a interpretação deste mistério pelos evangelistas.

Roque Junges S.J.

SCHWEIZER, Eduard e DÍEZ MACHO, Alejandro – “La Iglesia Primitiva: Medio Ambiente, organización y culto; p. 156; cm 11,7 x 19; ed. Síguime; Salamanca; 1974.

Esta obra reúne trabalhos sobre a Igreja Primitiva de dois autores: Eduard Schweizer e Alejandro Díez Macho. Schweizer contribui em primeiro lugar com um trabalho sobre os inícios da Igreja, mostrando que a comunidade primeva esteve em princípio muito marcada pelo ministério profético. Os doze desfrutavam de uma determinada autoridade como testemunhas da ressurreição de Jesus. Por isso gozavam de uma dignidade especial mas é difícil afirmar que foram os dirigentes da comunidade primitiva. Pedro gozou de uma consideração especial por ter partilhado da primeira aparição do Senhor e por isso seu conselho era escutado em primeiro lugar. O que caracterizava a comunidade era o carisma e o ministério profético e a abertura à direção do Espírito que conduzia a comunidade por caminhos novos, às vezes, não isentos de perigos. Os membros supunham ter a plenitude do Espírito e por isso não necessitavam de nenhum mestre terreno (cf. 1 Jo 2,20. 27). As comunidades paulinas conservaram esta característica do começo da Igreja: a contínua disponibilidade para escutar sempre o que o Senhor espera de sua comunidade. Os escritores do N.T. expressam esta disposição e procuram manter a união inseparável, entre a plena liberdade do Senhor que dirige o presente de sua comunidade e uma ordem indispensável para a vida em comum.

O segundo trabalho de Schweizer mostra que o Evangelho de Mateus nasceu e expressa as concepções e interpretações da comunidade judeo-cristã da Síria. A Didaqué mantém grandes semelhanças com o Ev. de Mateus, que se originou também nesta comunidade Síria. Os midrash sobre o A. T. no Evangelho de Mateus expressam a maneira de interpretar e conceber dos escribas judeus da Síria.

O terceiro trabalho de Schweizer é sobre o culto no N.T. e na atualidade. Ele parte da constatação de que todos os testemunhos do N.T. evitam completamente os conceitos referentes ao culto, sacrifício, serviço divino, sacerdócio, ministérios. Quando fala do culto refere-se ao culto pagão e judeu ou a atos puramente profanos. A única exceção são as afirmações cristológicas: Jesus em pessoa é quem exerce o culto, oferece o sacrifício, oficia o serviço divino, é sacerdote e ministro na comunidade. Excetuam-se também as alusões ocasionais ao culto que se realiza na vida cotidiana, no compromisso recíproco da comunidade. Somente à margem do N.T. e mais tarde, vai se abrindo uma ligeira tendência a

usar termos em relação com as realidades do culto. Isto ocorre raramente e com um matiz espiritualizante. Schweizer apresenta, também, a atitude de Jesus, da comunidade primitiva e da comunidade pós-apostólica diante do culto e mostra que o principal era o culto no espírito, isto é, a oferta da atividade humana e da vida cotidiana a Deus.

O trabalho de Díez Macho procura revalorizar o judaísmo antigo, intertestamentário, como fonte de primeira importância para conhecer o cristianismo primitivo e o fundamento judaico do NT. Há poucos anos se acentuava exclusivamente o Helenismo para conhecer o cristianismo primitivo. Díez Macho mostra que, no primeiro século, há uma predominância quase exclusiva do judaísmo, mesmo fora da Palestina, sobre o cristianismo. Ele descreve a importância do judeu-cristianismo, o influxo da apocalíptica do judaísmo de Qumran e da exegese farisaica através do Targum (espécie de tradução popular e parafraseada da Bíblia em aramaico) que se lia nas Sinagogas e à qual os judeu-cristãos tiveram acesso antes de sua conversão e muitos depois de convertidos. Díez Macho acentua grandemente a importância deste Targum Palestinense para a compreensão da exegese que os cristãos faziam dos textos do A.T. Ele prova também que este Targum não é do século 11, como muitos pensavam, mas justamente do período intertestamentário.

Roque Junges S.J.

HENGEL, Martin — “El Hijo de Dios” (El origen de la cristología y la historia de la religion Judeo-helenistica); p. 131, cm 11,7 x 19; Ed. Síguime; Salamanca; 1978.

São Paulo, muitas vezes, é acusado pela crítica moderna de haver transformado o Jesus histórico no Cristo preexistente. O enriquecimento de Cristo equivaleria à supressão da plena personalidade humana de Jesus. Isto teria acontecido na designação de “Filho de Deus” aplicada a Jesus. Este título seria de origem não judia e fundado em concepções temporais próprias do paganismo.

Hengel, nesta pequena obra, procura criticar e refutar esta teoria defendida pelo protestantismo liberal. Em primeiro lugar, apresenta o próprio testemunho das cartas de São Paulo sobre o título “Filho de Deus” e mostra que é um título eminentemente soteriológico e que engloba, por isso, a dimensão divina e histórico-

humana. Hengel faz, em seguida, um estudo histórico muito interessante sobre o significado desta terminologia de Filho de Deus no A.T. em autores gregos e helenistas e no judaísmo antigo. Ele mostra ainda que o título "Filho de Deus" é uma das expressões da cristologia primitiva, resumida em Rom 1,3. Neste texto se contra-põem duas frases que se contrastam. Ambas se referem ao Filho de Deus:

- 1) por sua origem humana procede de Davi
- 2) foi instaurado como Filho de Deus por sua ressurreição.

Nesta cristologia primitiva ainda não estão presentes as dimensões da preexistência, da mediação na criação e do envio ao mundo do Filho de Deus. Por que, posteriormente, este título adquire estas dimensões? Para os judeus, a lei de Moisés era a autoridade última. A Thorá era a encarnação da sabedoria que era preexistente, enviada ao mundo e esteve presente na criação do mundo. Para os cristãos, Jesus Cristo está acima da Thorá e assume, com isso, as suas características que são as da sabedoria. Assim a inclusão da idéia da preexistência na cristologia se produziu por uma necessidade interna de mostrar que Jesus estava acima de Moisés e da Thorá judaica. Todo este desenvolvimento se completou com o título de Kyrios exaltado. Isto aparece claramente na carta aos Hebreus que apresenta a Jesus Cristo como o crucificado e o exaltado (Hb 1,3-6).

Roque Junges S.J.

TILLICH, Paul – "Dinâmica da Fé"; Tradução de Walter Schlupp; p. 87; cm 15 x 21, Ed. Sinodal; São Leopoldo; 1974.

Tillich inicia a sua pequena obra definindo a fé como um estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente. Este estar possuído é fruto de um ato da pessoa como um todo, isto é, ele se realiza no centro da vida pessoal e todos os elementos desta, dele participam. Acontece, portanto, no mais íntimo da pessoa. Esta preocupação por aquilo que nos toca incondicionalmente é uma preocupação pela validade última da fé. Esta incondicionalidade da fé é dada por aquele que possui incondicionalmente o crente.

No segundo capítulo, Tillich critica as distorções da fé como um ato de conhecimento, como um ato da vontade ou como um sentimento.

A fé precisa de símbolos porque a linguagem da fé é a linguagem dos símbolos. Aquilo que toca o homem incondicionalmente precisa ser expresso por meio de símbolos porque a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional. Este é o assunto do terceiro capítulo.

A fé, como estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente, existe sob muitas formas que podem ser resumidas em dois tipos de fé:

1) Tipo ontológico de fé – o sagrado é experimentado como estando presente aqui e agora, isto é, ele se mostra num objeto, pessoa ou acontecimento.

2) Tipo Moral de fé – o sagrado é captado sob a forma de lei. Deus é sobretudo aquele que deu a lei como dádiva e exigência.

O quarto capítulo explicita estes dois tipos de fé.

No seguinte capítulo, Tillich explica a verdade da fé e sua ligação com a revelação, distinguindo esta verdade da verdade científica, histórica e filosófica.

Finalmente, como conclusão, explicita a vida de fé: seu papel na integração da pessoa e sua ligação com o amor e a ação.

Roque Junges S.J.

VÁRIOS, "Jesu Cristo en la Historia y en la fe"; p. 375; cm 13,7 x 21; editado por A. Vargas Machuca, Ed. Síguime; Salamanca; 1977.

É uma obra que recolhe as diferentes posições e linhas na cristologia atual, apresentadas numa Semana Internacional de Teologia promovida pela Fundação Juan March de Madrid. Estavam presentes neste encontro as maiores expressões no campo da cristologia: Duquoc, Käsemann, Boff, Kasper e Pannenberg. A obra está dividida em cinco partes. Cada parte apresenta a colocação de um destes cristólogos. Esta colocação é precedida por uma apresentação do respectivo autor que procura explicitar os parâmetros teológicos dentro dos quais ele se move. Cada parte contém ainda algumas comunicações de teólogos espanhóis relacionadas com o assunto explorado pelo autor principal. As cinco partes são as seguintes:

I. Ch. Duquoc – "El Dios de Jesus y la Crisis de Dios en nuestro tiempo"

II. E. Käsemam – “Jesus, el acceso a los orígenes”

III. L. Boff – “Jesu Cristo como libertador”

IV. W. Kasper – “Jesu Cristo Unico e Universal”

V. W. Pannenberg – “La resurrección de Jesus y el futuro del hombre”

Esta obra é de grande valor porque nos dá uma visão panorâmica das diferentes tendências na cristologia atual.

Roque Junges S.J.

**LAURENTIN, René – Vida de Bernardete – O Livro do Centenário.** Tradução em nossa língua por Maria Augusta Pereira d'Eça d'Alpuim. Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, Portugal, 1979; cm 17,50 x 11; 196 pgs.

**Vida de Bernadette – El Libro Del Centenario.** Versão castelhana de Cláudio Gancho, Editorial Herder, Barcelona, Espanha, 1979, 17,50 x 11.260 pgs.

São as traduções de “Vie de Bernadette”, Desclée De Brouwer – Oeuvre de la Grotte, 1978, 256 pgs.

No mesmo ano de 1978 Laurentin escreveu mais duas obras sobre Lourdes, melhor, sobre a santa, que ainda não foram traduzidas, que eu saiba, em outras línguas mas que, com a que estamos recensando, constituem “best-sellers”: “Visage de Bernadette – 1. PRÉSENTATION. 2. ALBUM, com, respectivamente, 207 e 144 pp. e publicadas, também, pelas mesmas editoras.

Não nos causou surpresa a pronta difusão desta mais recente biografia da feliz vidente de Lourdes, tanto pelo fascinante assunto, como pelo seu autor, conhecidíssimo mariólogo. Elaborada com todo o rigor histórico, a mais fiel de todas as inúmeras vidas de Bernardete Soubirous, para as festas centenárias da sua morte – 16-4-1879/16-4-1979 – em fins do ano p.p., já está traduzida em muitos idiomas e unanimemente elogiada pelos periódicos de todos os países, especializados ou não. Como diz Dom H. Donze, Bispo de Tarbes e Lourdes, no prefácio à obra, “pela seriedade de informação, pela apresentação acessível a todas as culturas, pelo calor do estilo e a densidade espiritual, vai-nos ajudar a viver mais intensamente este acontecimento, por isso bem merece o título de LIVRO DO CENTENÁRIO”.

Laurentin, como sabemos, é o mais competente dos nossos estudiosos em Mariofanias. Dedicou-se ao árduo mas compensador trabalho de rever toda a documentação sobre várias aparições de Nossa Senhora, como a de Pontmain (1871), em colaboração com A. Durand ("Pontmain. Histoire authentique", Paris, Lethielleux, 1970, 3 tomos); as da Rue du Bac, Paris, em 1830 ("Catherine Labouré e la Médaille Miraculeuse. Documents authentiques. 1830-1976", Paris, Lethielleux, 1976, em colaboração com o P. Roche, C.M.), etc. Inspirou a revisão das de Fátima, aos cuidados do recentemente falecido cordimariano Pe. Joaquim Maria Alonso, Diretor da revista internacional de Mariologia: EPHEMERIDES MARIOLOGICAE; deixou-nos 17 volumes dos quais foram publicados, por ora, apenas alguns; em colaboração com o monge Bernard Billet, O. S.B., a de "SAINT MAUZILLE-DE-LA-SYLVE..."

Mas sua obra prima é, inquestionavelmente, LOURDES, tanto pelo volume de trabalho como pela profundidade. Além das três já enumeradas, publicou mais 19. Ei-las, por ordem cronológica: "Documents authentiques", em colaboração com Billet, 7 volumes, 1957-1966; "Histoire authentique des apparitions", 6 volumes, 1961-1964; "Récit authentique des apparitions", 1966, resumo da anterior; "Logia de Bernadette", estudo crítico das palavras de Bernadete, de 1866 a 1879, 3 volumes, 1971; "Bernadette vous parle", 2 volumes, 1972: é a vida dela pormenorizada. Agora, depois de tomarmos conhecimento destas obras monumentais, podemos avaliar melhor, tanto o valor e a importância dessa biografia quanto a razão do entusiasmo geral por ela e, por conseguinte, do parecer muito favorável da crítica de todo o mundo.

Excelentes as várias ilustrações de ambas as traduções, algumas da portuguesa um pouco mais nítidas, mas, em contrapartida, seus tipos são menores, daí a razão do seu menor número de páginas: 196 contra 260.

Pe. Valério Alberton, S.J.

**PALACÍN, Pe. Luis** — Santos do Atual Calendário Litúrgico — Edições Loyola, São Paulo, 1979, 205 pgs., 21 x 24.

Usando de um lugar comum, é uma obra que vem preencher uma lacuna em nossa literatura hagiográfica.

Tudo o que possuímos neste sentido deve sofrer boa revisão, além de não trazer vários dos santos e bem-aventurados do novo calendário litúrgico, a começar pela mais conhecida dessas obras, NA LUZ PERPÉTUA, em dois grossos volumes, do "Lar Católico" de Juiz de Fora, e que teve várias edições.

É uma obra que todo sacerdote deve ter ao alcance da mão, já que o povo gosta de conhecer testemunhas e testemunhos, e os melhores são, indubitavelmente, os de nossos santos. Vem, assim, facilitar a tarefa sacerdotal, já que ao celebrante convém dizer algo, também nas missas durante a semana, quando há uma assistência um pouco maior, como recomenda o Concílio.

Teria sido mais frutuoso se, além de desenvolver um pouco mais vários dos biografados, tivesse trazido sempre e não apenas em poucos como fez, alguns dos pensamentos mais característicos da espiritualidade de cada um deles.

Para quem quiser mais dados e mais exemplos, nada temos, atualmente, em nossa língua. Acaba de sair, na Itália, MILLE SANTI DEL GIORNO, do famoso e genial polígrafo Piero Bargellini, Florença, Vallecchi, 1978, 8ª, 744 pgs. Diz LA CIVILTÀ CATTOLICA, fazendo a recensão desta obra monumental, que Piero Bargellini, entre os hagiógrafos italianos hodiernos, ocupa um lugar de destaque. É, também, pacífico, que ele o mantenha honrosamente. Traz três santos para cada dia do ano, num total de 1.095, uma verdadeira LEGENDA ÁUREA.

Pe. Valério Alberton, S.J.

**JOÃO PAULO II – Maria na Viagem Missionária de João Paulo II à América Latina – Edições Loyola, 1979, 32 pgs.**

A intenção geral do Apostolado da Oração do passado mês de junho – intenção que é sempre dada pessoalmente pelo Papa, como sabemos, – foi "para que os fiéis, o clero e os bispos vivam numa comunhão mais plena com o vigário de Cristo".

É oração que se deve fazer sempre e não num mês.

Graças a Deus e à Virgem Ssma. estamos em comunhão mais estreita com o atual Papa porque ele tem um poder de comunicação extraordinário, como tivemos ocasião de verificar, diretamente, pela TV, em suas duas memoráveis viagens missionárias. Não tivemos a felicidade de ouvi-lo mais demoradamente, mas seus escritos aí

estão e se multiplicam e têm enorme saída e suas edições se sucedem vertiginosamente, como por exemplo a sua obra sobre o AMOR E RESPONSABILIDADE; só na Espanha teve, em dois meses, 8 edições.

Os devotos da Virgem Ssma. devem penetrar mais no seu pensamento mariano. Sobre Maria falou, como sabemos, muitas vezes na sua primeira viagem. Loyola resolveu, muito em boa hora, publicar uma compilação de tudo o que o Sumo Pontífice disse sobre o assunto, os seus 25 pronunciamentos, acrescentando o capítulo final da "REDEMPTOR HOMINIS", "A MÃE DE NOSSA CONFIANÇA", a magistral alocução, na hora do "Angelus" de 29-10-1978, sobre a mais excelente das devoções marianas, o ROSÁRIO, concluindo com a bela ORAÇÃO À VIRGEM DE GUADALUPE que ele mesmo compôs para ser rezada, como, de fato, o foi, antes e durante toda sua viagem ao México. O folheto é apresentado pelo Pe. Pancrácio Dutra, S.J., Vice-Assistente da Confederação Nacional das Congregações Marianas, cujo Assistente é Dom Eugênio Sales, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

A leitura atenta desse precioso folheto impressiona vivamente. Experimente o leitor e me dará razão.

V. de F.

**BOROS, Ladislau, O homem bom e seu Deus**, tradução do original alemão por Jesus Hortal, S.J., e P. A. Bruxel, S.J., 126 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1978.

Ladislau Boros pretende com seu livro "O homem bom e seu Deus" mostrar que o sentir-se dominado e atraído pela beleza do Absoluto é algo que acontece em cada uma das vivências que designa como os momentos altos do devir da existência. A obra quer ser "um discurso sobre a proximidade de Deus", através das reflexões sobre o próprio homem. Mostrar essa proximidade de Deus, através das vivências humanas, esse Deus que "está mais próximo (do homem) do que seu próprio coração", não é tentativa nova. A teologia e a espiritualidade se ocuparam, durante séculos, desse tema. Essa obra é mais um esforço de um pensador, para tornar presente esse mistério, perseguido pelo homem. Ela surgiu da reflexão, durante longos meses na solidão interna e externa às margens do Mar da Irlanda. A partir das experiências pessoais, o autor procura mostrar essa proximidade de Deus, analisando vários

aspectos do ser humano, que apontam sua intencionalidade profunda, seu próprio fundamento, que transcendem os aspectos puramente imanentes de uma existência fechada em si, e presencializam aquilo que é "mais delicado do que qualquer outra coisa", ao qual damos o nome de Deus.

Nessa busca do mais próximo no coração do homem do que o próprio homem, passa por diversos aspectos da existência humana. Aborda, nos seus vários capítulos, o homem esse "desconhecido", "ameaçado", "silencioso", "afável", "prestativo", "feliz", "inquiridor". Desenvolve sempre o mesmo tema fundamental: "Deus na existência do homem". São oito capítulos, ou meditações serenas e penetrantes na busca do sentido radical da existência humana.

"Trata-se de um livro para homens que ainda são capazes de procurar e que levam em si o desejo da alegria" e a certeza do encontro, na sua caminhada inquietante e sofredora de peregrinos da história, limitada e transitória, ao encontro do Absoluto ilimitado e perene: Deus.

I. Sallet

MODESTI, J. DALLA NORA, J., **Fatores Biológicos da Personalidade** (Biologia da Educação), 193 pp., 21 x 15 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1978.

"O presente trabalho, diz uma nota-explicativa, no início do livro, é o resumo das lições do professor Jeremias Dalla Nora, da Pontifícia Universidade Salesiana, de Roma, no ano de 1952. Foram acrescidas de observações e vivências no campo da educação durante cinco lustros".

Essas lições foram publicadas mais tarde em novas edições ampliadas e modernizadas, e hoje sai uma edição completamente refundida e melhorada e mais adaptada ao campo da pedagogia. Como se depende dessa nota introdutória e do próprio contexto, e conteúdo do livro, trata-se duma série de lições que tem como tema os fatores biológicos da personalidade em vista a uma prática pedagógica mais adequada. O livro está dividido em quatro partes. Na primeira aborda os fatores bioquímicos, na segunda os fatores genéticos, na terceira os fatores endócrinos e na quarta os fatores nervosos.

O trabalho realizado pelo professor Jeremias Dalla Nora é um guia para os estudantes da Biologia Educacional, quer pelo método e conteúdo, essencialmente biológicos, quer pela finalidade, totalmente pedagógica.

#### I. Sallet

DIVARKAR, Parmananda R., S.J., **Em Cristo Jesus, Reflexões sobre a Espiritualidade missionária inaciana**, tradução do original inglês por Margarida Oliva, 78 pp., 14 x 21 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1979.

"Em Cristo Jesus" é uma série de reflexões sobre a Espiritualidade inaciana. Em cada um dos quatro capítulos o autor do livro aborda uma faceta da pessoa de Inácio de Loyola, tendo como ponto de reflexão de cada capítulo um texto do evangelho.

No capítulo 1º apresenta Inácio como o "cavalheiro andante a serviço de Cristo". Inácio, educado dentro da espiritualidade da época, querendo distinguir-se ao serviço do reino de Espanha assim que se converte, usará de todo esse potencial humano a serviço do reino de Cristo.

No segundo capítulo focaliza principalmente o período entre os primeiros votos em Paris e a fundação da Companhia de Jesus em Roma: o compromisso com o apostolado é, posteriormente, concretizado com o serviço num corpo organizado a serviço da Igreja.

O terceiro capítulo examina o centro da experiência espiritual de Inácio: seu sentido de missão, que está ligado a sua consciência de Deus e da vida trinitária, que está ativa no mundo: **Encontrar Deus em tudo e tudo em Deus.**

O quarto capítulo reflete sobre o sentido inaciano de missão. "Estas páginas, diz o próprio autor, não pretendem ser um estudo erudito dos documentos inacianos sobre a missão, mas uma meditação sobre as experiências que fizeram de Inácio um apóstolo e um inspirador de apóstolos nos séculos subseqüentes" (p. 6).

#### I. Sallet

OLIVEIRA, Ma. L. Vasconcellos de, S.F.C.M., **Um retiro segundo São João**, 78 pp., 14 x 21 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1978

Edições Loyola lança o livro "Um retiro segundo São João", da autoria de M. L. Vasconcellos de Oliveira, irmã da Sociedade das Filhas do Coração de Maria. Este livro quer ser uma contribuição no campo da oração, segundo o método do retiro de S. Inácio. A autora programa uma série de textos e reflexões a partir do Evangelho de S. João, distribuídas estas reflexões em nove dias. Apresenta, para cada dia, vários temas de meditação, procurando introduzir o retirante na história da Salvação a partir do Evangelho. As exposições são breves. O desejo de se aproximar do mistério e da intimidade com Deus poderá encontrar belos pensamentos e subsídios, neste livro, para a sua oração.

I. Sallet

SCHNEIDER, Roque: **Um sorriso, por favor**, 99 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1979

"Um sorriso, por favor", que Edições Loyola lança, da autoria de Roque Schneider, pretende levar uma mensagem de otimismo aos homens que sonham "com um mundo em que o homem seja realmente amigo do homem, pessoa integral e solidariamente realizada".

Roque Schneider, com as mensagens do seu novo lançamento deseja contribuir para que os rostos tristes se iluminem e sorriem, corações bloqueados se apaziguem e se abram e assim haja mais alegria num mundo cheio de problemas e tristezas.

I. Sallet